



» Agenda

» Blogs C&T Jovem

» C&T em Multimídia

» C&T na Mídia

» Canal Astronomia

» Canal da Física

» Cientistas

» Competições

» Jovem Pesquisa

» Muito Mais Ciência

» Museus de C&T

» O que é isso?

» Prêmios para a C&T

» Tecnologias e Inventos

Assine CT Jovem

informe seu e-mail



Ano da Física: mulheres estão entrando no Clube do Bolinha

A pesquisadora Márcia Barbosa, da UFRGS, é coordenadora do Working Group on Women in Physics da International Union of Pure and Applied Physics (IUPAP). Veja o que ela diz na entrevista exclusiva ao C&T JOVEM.



Márcia Barbosa, 45 anos, é professora de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 1991 e pesquisadora do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Fez o doutorado em 1988 na UFRGS e o primeiro pós-doutorado, em 1989, na University of Maryland dos Estados Unidos. Coordena um grupo composto por quatro pesquisadores/professores e dez alunos de doutorado e mestrado.

O grupo mantém cooperação com grupos nos Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Espanha e Argentina. Márcia integra também do corpo editorial de duas publicações internacionais, além de participar na organização de uma série de eventos na área da Física. É coordenadora do Working Group on Women in Physics da International Union of Pure and Applied Physics (IUPAP). Aproveitando que este é o Ano Internacional da Física, e dia 8 de março é o Ano Internacional da Mulher, conversamos com ela sobre a situação da mulher nessa área.

Leia entre vista exclusiva ao C&T Jovem.

Quando começou seu interesse pela Física?

Comecei a me interessar por física no final do primeiro grau. Os meus pais sempre me estimularam a estudar e procuravam incentivar o meu gosto por matemática e ciências em geral. Outra influência importante foi um professor de física que tive no primeiro ano do segundo grau. Ele promovia experimentos fora do horário de aula. Sob a orientação dele, construímos um pequeno foguete e lançamos no pátio da escola.

Que obstáculos você teve que superar, e como fez para superá-los?

Um problema constante na física é que o sucesso na profissão está intimamente associado à necessidade de ser "um profissional agressivo". Compreendendo que este era o perfil desejado para poder ser reconhecida no meu meio de trabalho, mas tive que adquiri-lo "à força". Eu me forçava a fazer ao menos uma pergunta a cada seminário ao qual assistia, procurando questionar o meu interlocutor de forma incisiva. Com o tempo, fazer perguntas se tornou algo bastante natural para mim.

Um outro problema é que as mulheres na física são transparentes. Se estamos acompanhadas por nossos colaboradores, os outros pesquisadores nos ignoram. Enfrentei isto criando o meu próprio grupo, orientando alunos. Além disso, procurando inserir-me em discussões "na marra". Finalmente, as mulheres enfrentam o problema de serem sub-avaliadas. Estamos sempre uma posição abaixo de colegas homens com o mesmo perfil. Para enfrentar este obstáculo temos que lutar pelo reconhecimento que nos é devido.

Quais os principais problemas que afastam as mulheres da Física?

Na 1st IUPAP Conference on Women in Physics, fizemos um amplo levantamento estatístico sobre esta questão (ver <http://www.f.ufrgs.br/iupap>) e descobrimos que enfrentamos problemas como:

- Conciliar carreira e família:** O momento em que o físico é mais duramente avaliado, por volta dos 30-35 anos, corresponde ao período quando as profissionais do sexo feminino ficam grávidas. O decréscimo de produtividade neste curto período exclui as mulheres das avaliações de promoção e de conseguir emprego. Há um estudo feito pelo grupo japonês que mostra que as mulheres até decrescem a produtividade durante a gravidez e a primeira infância, mas ao serem aceitas no mercado de trabalho, se recuperam. Se somarmos a produtividade ao longo dos anos, as mulheres são tão produtivas quanto os homens.
- Agressividade implica competência?:** Como já citei acima, na física o sucesso está ligado à agressividade do profissional. As mulheres normalmente são menos agressivas, ou seja, perguntam menos, são mais tímidas para questionar o professor, o palestrante, os outros pesquisadores. Como consequência, dá a impressão de sabermos menos, de serem menos inteligentes. Na realidade ser agressivo não implica ser bom cientista.
- Transparência:** As mulheres enfrentam o preconceito de que ao trabalharem em equipe, o crédito é dado aos seus colaboradores.
- "Teto de Vidro":** As mulheres sempre estão em cargos levemente abaixo do que os obtidos por homens com currículos equivalentes.
- Clube do Bolinha:** A expressão não é minha, mas do presidente LULA frente a uma comissão de avaliação da pesquisa no país, comissão esta que não possuía uma única mulher. O ser humano é profundamente narcisista. Quando escolhe alguém para um cargo, palestra, posto em evidência, escolhe alguém que se pareça consigo mesmo. Assim, uma comissão composta somente por homens, vai escolher, colocar regras e favorecer o perfil masculino.

Como você conseguiu conciliar o trabalho e a família?

Eu não tenho família, mas as colegas que têm filhos e que são excelentes profissionais dão o três conselhos para conciliar família e trabalho: escolha muito bem o marido, escolha muito bem o marido e escolha muito bem o marido.

O que poderia ser feito para estimular as jovens a se interessarem por este campo? Creio que nós cientistas deveríamos visitar mais as escolas de segundo grau para mostrar que ciência é algo estimulante e divertido, útil e interessante.

Como você vê o futuro da mulher na ciência?

Eu não me preocupo com o futuro da mulher na ciência, mas com o futuro da ciência SEM a mulher. A ciência está mudando, se tornando mais interdisciplinar. Para que a ciência avance precisamos das pessoas mais competentes. No momento, estamos excluindo 50% deste universo. Além disso, este 50% corresponde a um grupo que por motivos culturais e sociais interage com o meio e com os demais indivíduos de uma forma diferente.

O que achou da declaração do reitor da Universidade de Harvard, no mês passado, quando ele sugeriu que diferenças biológicas inatas entre homens e mulheres poderiam explicar a existência de um número menor de pesquisadoras nas ciências exatas?

Um reitor não pode se dar ao luxo de responder a jornalistas como se estivesse filosofando em um botiquim. Ele foi irresponsável ao afirmar algo sem respaldo científico. Na conferência Mulheres Latino Americanas em Ciências Exatas e da Vida convidamos pesquisadores para discutir as diferenças genéticas ou diferenças sociais entre os gêneros. Não houve consenso sobre qual seria a dominante na formação do caráter do indivíduo, portanto não há prova científica de que as mulheres se afastem das ciências exatas por razões biológicas.

O que podemos esperar da 2ª Conferência Internacional da IUPAP?

Este evento, irá reunir representantes de diversos países que tem grupos de gênero em física e que têm atuado no sentido de compreender o problema e de trazer soluções para ele. Iremos avaliar estratégias que foram bem sucedidas no sentido de aumentar a participação das mulheres na física e, acima de tudo, de qualificar esta participação. Além disso, iremos usar este fórum para estimular o estabelecimento de colaborações científicas entre mulheres de diferentes países.

Visitar

<http://www.if.ufrgs.br/~barbosa>

<http://www.if.ufrgs.br/fcomplex>

(Márcia Nagai Arno/C&T JOVEM23/02/2005)



comentários

Contato | Copyright © 2002 - MCT